A porteira

contos e crônicas sobre o mundo lá fora

José Cândido Rodrigues Neto

Atena
Editora
Ano 2024

A porteira

contos e crônicas sobre o mundo lá fora

José Cândido Rodrigues Neto

Atena Editora
Ano 2024

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto gráfico
Camila Alves de Cremo
Ellen Andressa Kubisty
Luiza Alves Batista
Nataly Evilin Gayde
Thamires Camili Gayde
Imagens da capa
Leandro Rodrigues
Edição de arte
Luiza Alves Batista

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

LINGUÍSTICAS, LETRAS E ARTES

A porteira: contos e crônicas sobre o mundo lá fora

Diagramação: Nataly Evilin Gayde
Correção: Jeniffer dos Santos
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: José Cândido Rodrigues Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R696 Rodrigues Neto, José Cândido
A porteira: contos e crônicas sobre o mundo lá fora / José Cândido Rodrigues Neto. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-2236-5
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.365243101

1. Conto. 2. Crônica. 3. Literatura brasileira. I. Rodrigues Neto, José Cândido. II. Título.

CDD 869.93

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao texto publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao vasto mundo, por propiciar grandes histórias. Que aprendamos a cuidar da natureza!

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares por toda dedicação e carinho para comigo.

A minha mãe Gracinha (In memoriam), a minha titia Socorro e a minha vó Zefinha (In memoriam), por terem sido as grandes responsáveis pela minha educação e formação como pessoa.

Aos queridos amigos Carlos, Ricardo, Jean Michel e Junior, por terem colaborado com essa obra, com suas leituras, comentários e sugestões.

Ao amigo Leandro Rodrigues, por ter colaborado com as fotos da capa.

A todos os meus amigos por todo o companheirismo e pelos momentos de diversão juntos

Aos professores que tive, ao longo de toda minha jornada acadêmica, por toda dedicação e por serem os responsáveis pela minha formação.

Aos meus queridos alunos, por me instigarem a sempre querer saber mais um pouco.

A Toinha e toda sua família, por sempre acreditarem em mim, me motivando cada vez mais.

A minha irmã Maria Eduarda, por seu companheirismo.

A minha esposa Maria Júlia Bento Rodrigues por sempre estar ao meu lado me motivando.

Ao meu pai Alexandre, por seus ensinamentos de pessoa exemplar.

Agradeço ao grande Deus, que está presente no cosmos.

A simplicidade desses contos e crônicas só não são maiores que a própria profundidade arremetida pelos mesmos. As vezes de forma direta, as vezes de forma discreta, essas histórias nos indagam e nos fazem refletir sobre as escolhas da vida, e nessa jornada, percebemos que não importam se são pequenas ou grandes escolhas, elas em algum momento nós remeterão ao lugar atual que estamos, mas principalmente, pra onde vamos agora, e ainda mais, como podemos prosseguir? Afinal, lendo essas crônicas e contos, você irá refletir profundamente sobre si mesmo, refletir também de forma mais abrangente, pra onde a humanidade caminha, até onde a modernidade realmente nós traz algo novo e moderno, e como nós nos comportamos nessa sociedade que fere cada vez mais o meio ambiente, e deixa as pessoas mais egocêntricas. Com advento das tecnologias, o que poderia tornar a gente mais uno, nos torna mais distantes, o livro consegue nos indagar sobre isso, tanto nas relações mais próximas, tanto nos problemas da sociedade. A leitura deste livro, me remeteu à fábula de Heráclito, que diz que se um homem for banhar-se em um rio, a segunda vez, nem ele, nem o rio serão os mesmos. Ao termino desta bela leitura, tenho certeza que você, leitor, não será mais o mesmo.

Jean Raiz Caetano
Poeta e professor de história

“Alguns homens veem as coisas como são, e dizem ‘Por quê?’ Eu sonho com as coisas que nunca foram e digo ‘Por que não?”

George Bernard Shaw

SUMÁRIO

A PORTEIRA

Era simplesmente um trivial dia de aula, desses em que a normalidade das coisas faz parecer que estamos assistindo a um filme repetido. Já estávamos em novembro de 1967, os cajueiros estavam florando. As tardes eram de um azul profundo, sendo pintadas por um rosa melancólico ao fim do dia. Ao término da aula de história, o professor Marcílio apagou o quadro negro, o pó de giz fazia pequenos montículos no chão. O docente falara das grandes navegações e do espírito aventureiro dos portugueses. Ao discorrer sobre a vontade do homem europeu em conhecer terras inexploradas, a aula monótona acaba por fazer a pequena Dida ter divagações sobre seu futuro, ela pensava:

- Será que conhecerei novos lugares, além desta pequena cidade? Como será a vida na cidade grande?

Talvez a proximidade do fim do ano e a iminência de concluir o curso ginasial tenham despertado grandes reflexões na menina. Os seus devaneios são interrompidos por sua prima Amália, que diz:

-Vamos logo. Cuida na vida!

-Vamos! Espera aí, vou guardar minhas coisas. - respondeu Dida.

As duas saíram do colégio conversando, porém Dida permanecia absorta em seus pensamentos. Ela se perguntava se algum dia teria possibilidades de lutar por seu sonho de se tornar advogada. Há uns dois anos atrás um elegante advogado tinha ido a sua casa, solicitar que seu pai assinasse uns papéis referentes ao pedido de aposentadoria. Tudo deu certo e logo o pai de Dida, o senhor Nicolau, estava dizendo pra todo mundo:

- Aquele Doutor é um santo! Agradeço primeiro a Deus, segundo a ele por hoje estar aposentado. O doutor Paulo é cabra macho mesmo.

Dida achava seu pai merecedor da conquista, pois ele era um homem bom e trabalhador, que estava impossibilitado de cumprir seus afazeres na roça devido à idade avançada e ao seu problema de coluna. A partir daí a menina se encantou com a profissão de advocacia, mesmo sem saber muito a respeito, queria ajudar as outras pessoas a se aposentarem, assim como seu pai. Ela também queria ouvir as pessoas chamá-la de santa, em agradecimento. Desde então, se tornar advogada passou a ser o doce sonho de Dida, que era alimentado em seus devaneios diários, até ser interrompida pelo peso da vida dura e prosaica.

As duas meninas, Dida e Amália, se encaminharam para a vendinha da Dona Zeza, iriam parar um pouco e fazer um lanche de bananas bem maduras, a única coisa que cabia nos seus humildes orçamentos, pois teriam uma longa caminhada, de aproximadamente 7 quilômetros, até suas casas no Sítio Porteira.

Ao chegaram na vendinha Amália diz:

-Dona Zeza queremos mais um cacho de banana, coloque na conta. No fim do mês acertamos tudo.

As duas conversavam sobre os meninos enquanto se alimentavam. Eram duas belas garotas, e frequentemente recebiam olhares de galanteio por parte dos rapazotes. Enquanto comiam aquele lanche enjoativo de todas as manhãs, no outro lado da rua passavam as filhas do vereador Tito de Abraão, Camila e Letícia, meninas bem vestidas e metidas, que esbanjavam o dinheiro do pai. As duas entraram na padaria Cristal para saborear aqueles cheirosos pães recheados, despertando a inveja de todos os colegas. Os rapazes suspiravam por elas e elogiavam o cheiro de perfume e o rebolado das duas moças. As meninas da escola, por sua vez, tinham ciúmes e invejas, sonhavam ocupar o lugar das "mimadas", como elas mesmas chamavam.

Ao observar as duas Amália diz:

- Aquelas amostradas têm sorte de não precisar trabalhar na roça fazendo calos nas mãos e levando sol no rosto. Só levam o tempo em se arrumar e desfilar pelas ruas.

- Dida diz: - Verdade!

Enquanto dizia de maneira arrastada essa única palavra, ela pensava que aquelas meninas logo iriam estudar no Colégio Liceu, na Capital paraibana. Teriam boas oportunidades na vida. Certamente se formariam e de repente entrariam para a vida política, dando continuidade ao legado do pai.

Ao pensar sobre aquelas meninas, Dida refletiu sobre si mesma, e pela primeira vez na vida teve medo do futuro. Teve medo de passar o resto dos seus dias naquela vida interiorana. Ela sonhava com as grandes cidades e com os altos prédios e suas luzes cintilantes. Assim como os navegantes portugueses, mencionados na aula, ela queria se aventurar por mares até então desconhecidos. Queria deixar para trás o Sítio Porteira. Mas, então, a menina teve uma breve e reveladora visão de seu futuro, ela temia ficar naquele pedaço de chão, casar com um homem bruto e levar uma vida parecida com a de sua irmã mais velha, Piedade, que abnegada aguentava as cachaças do marido e lutava para sustentar os filhos.

Dida relutava em aceitar o seu destino, traçado por uma nação que não alimentava nem a fome de seus filhos, que dirá os sonhos. Como era triste viver em um país onde as oportunidades ficavam restritas a poucos. Novamente, os pensamentos da distraída garota foram interrompidos por sua prima Amália que dizia:

-Tu estás besta é? Vamos cuidar porque temos que pegar comida para os bichos e carregar água.

Como de costume, as duas meninas saíram conversando estrada acima.

NOITE DE SÁBADO

Quem já passou por essa vida e não viveu,
Pode ser mais mas sabe menos do que eu.
Porque a vida só se dá pra quem se deu,
Pra quem amou, pra quem chorou, pra quem sofreu.

Toquinho e Vinicius de Moraes

Hoje Carlos decidiu não beber. Mesmo sendo um daqueles feriados prolongados, onde todos se animam e a rapaziada nas ruas se reúne bebendo e cantando, sorvendo o instante de diversão, como se ele fosse durar eternamente.

Ao chegar na praça de alimentação do Shopping e se deparar com uma verdadeira festa, regada a música ao vivo, cerveja e o entusiasmo típico dos feriados prolongados, ele até sentiu vontade de beber, mas jurou para si mesmo que ficaria sóbrio.

No início do show o sanfoneiro tocou e cantou músicas saudosistas do antigo forró, revisitando clássicos de Luiz Gonzaga, o grande Rei do Baião. A memória afetiva de Carlos foi a mil, pois lembrou sua infância, as noites de São João, repletas de fogueiras, milho, fogos e principalmente o aconchego da casa paterna. Lembrou seus pais, seus irmãos, primos e outros familiares, todos reunidos por uma só emoção, seus corações indo ao alto com os balões juninos. Pela primeira vez na noite, Carlos sentiu vontade de chorar, mas se segurou por achar que isso iria contrastar com o entusiasmo da noite. Além disso, pouco importava, ninguém iria reparar em suas lágrimas. Mesmo estando rodeado de pessoas ele se sentiu completamente só.

A rapaziada já estava bem animada pelo álcool e pelo repertório de músicas atuais e populares. Alguns casais já ensaiavam passos de dança por entre as mesas e cadeiras do local. Em seu estado de invisibilidade Carlos observava tudo. Até que chega o momento em que os músicos decidem revisitar clássicos do passado, os chamados *Flashbacks*. Alguns acordes no teclado fazem a introdução de uma conhecida música dos *Pholhas*, grande clássico cantado em inglês. Novamente, a música mexe com a memória afetiva de Carlos. Dessa vez a canção o faz lembrar da época de escola, seus grandes amigos, os sonhos, sua primeira namoradinha, Rosa. Onde ela estaria agora? E ele refletiu profundamente:

- Por que deixei ela ir embora? Por que deixei todo mundo ir embora? Por que não arrisquei?

- Pela segunda vez na noite ele teve vontade de chorar. Nesse exato momento começa um clímax de algazarra. Um jovem rapaz havia pedido uma música para sua namorada. Carlos fica a observar a empolgação de todo mundo, a rapaziada estava em estado de graça pelo efeito do álcool. A ironia é que logo Carlos estava sóbrio, o bêbado de todo fim de semana, aquele que que tem cadeira cativa e quase se confunde com a decoração do ambiente, pois sempre está lá nos mesmos horários, nos mesmos dias e

no mesmo lugar do salão, bebendo sem ser notado, próximo a um canto de parede. No máximo alguém repara nele por uns breves segundos, porém não mais que isso. A noite de um fim de semana é muito curta para se perder tempo com um solitário anônimo.

Para Carlos, esta noite estava bem tranquila, o clima estava mais frio do que o habitual, trazendo uma tristeza agradável, um misto de melancolia e alegria saudosa, algo paradoxal e difícil de explicar, algo que muitas vezes sentimos, mas não sabemos descrever. Ele até chegou a rir, lembrando as gaiatices de seus amigos da escola. Nesse exato momento, o cantor começa a entoar versos de uma velha canção de Toquinho e Vinícius de Morais, alguns versos desta canção doeram de maneira lancinante, como uma faca a perfurar a carne. Algo como o frio que se sente em desespero, sem a expectativa do conforto, a fome implacável que devora a última crença, mesmo que ela se recuse a ir embora. Em suma, a mais total falta de esperança, para ele o inferno deixou de ser abstrato naquele momento. Da música ele lembrava pouca coisa, mas ficou em sua cabeça a parte que dizia que é...,

... definitivamente ele não lembrava das palavras, recordava apenas que elas diziam que é melhor sofrer desiludido do que amargar a solidão. E logo ele concluiu que por medo de viver acabou não vivendo, lamentou profundamente e voltou solitário para casa ao fim de mais uma noite de sábado.

A DEDICATÓRIA

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.

Olavo Bilac

Sempre considerei uma dedicatória como um grande sinal de consideração. Creio que um livro, um CD ou até mesmo um simples cartão de Natal ganha valor inestimável com o singelo gesto, de alguém que presenteia, em colocar sua assinatura e algumas palavras felicitando o presenteado ou simplesmente demonstrando sua afeição ao destiná-lo um objeto de lembrança.

Ao longo de minha juventude fui um colecionador inveterado, juntava grandes quantidades de livros, gibis, discos, cartões telefônicos, revistas, CDs, DVDs e discos. Além do mais, eu costumava adquirir boa parte destes artigos em sebos e bancas de revistas usadas, devido ao baixo custo eu catava muitos produtos de segunda, terceira ou quarta mão (ou até mais usado). Talvez não só pelo valor mais baixo, mas eu tinha grande prazer em garimpar coisas velhas em sebos. Um objeto usado parece ter um elo que liga os seus possuidores, de alguma forma. Hoje, ao refletir sobre isso, creio que quando adquirimos um objeto que fora de alguém, parece que adquirimos uma parcela, mesmo que ínfima dessa pessoa.

Algo que sempre me chamou atenção foi encontrar nesses objetos usados algumas dedicatórias escritas. Já tive inúmeros CDs, discos e livros rabiscados com essa finalidade de presentear alguém. No entanto, uma dessas dedicatórias me chamou mais atenção do que as demais. Tratava-se de um livro, uma coletânea de poemas de Olavo Bilac, que um rapaz teria presenteado sua namorada, noiva, ou, não sei ao certo...

Para além de uma dedicatória, aquelas palavras bem desenhadas em tinta azul, rabiscadas naquele livro de folhas amareladas pelo tempo, expressavam uma grande declaração de amor, que de maneira piegas, dizia o seguinte:

Para Isabel, com carinho, do seu amado e dedicado Paulo.

Meu bem, aceite esta simples lembrança como sinal de meu amor. Logo, nos reencontraremos novamente, estou contando os segundos pra poder te abraçar de novo e sentir seu cheiro. Meu mundo só faz sentido com você! Tu és e sempre será a única em minha vida, a dona do meu destino. Eu necessito do brilho dos teus olhos, que são como estrelas a guiar os meus passos. Te amo! Sempre te amarei!

Do cara mais apaixonado do mundo, e sempre seu,

Paulo

13/06/1979

Não sei ao certo qual foi o destino deste casal, aliás, jamais saberei. No entanto, várias questões me enchiam de curiosidade, uma delas era a seguinte: Por que a Isabel se desfez de um presente tão afetuoso e apaixonado como esse livro dado pelo Paulo. Será que o sentimento dele não encontrava reciprocidade? Ou talvez um fim conflituoso para o suposto relacionamento entre ambos? Ela não teria gostado do presente e por isso teria se desfeito dele? O fato é que ela passou adiante o presente dado, aparentemente, com grande estima e sentimento. O motivo disto jamais saberei, só me resta fazer conjecturas inúteis, nas vezes em que tomo a mão o pequeno exemplar de poemas de Olavo Bilac. Como algumas coisas na vida, este enigma jamais terá resposta.

ACALANTO

Eu sempre tive afinidade com pessoas idosas. É engraçado que muitas vezes me considero infantil em alguns aspectos, mesmo tendo meus trinta e três anos de idade. Ainda sou apegado aos gibis, aos jogos de videogame e outras coisas que iniciei em minha infância. Mas curiosamente prefiro conversar com pessoas mais idosas, talvez por considerá-las mais maduras. Isso sempre foi uma constante em mim, mas percebo que com o passar dos anos tem se acentuado cada vez mais.

Ultimamente eu gosto muito de visitar a banca de verduras do Sr. Martins. Ele é uma pessoa muito educada, além de ser muito engraçado. De uma maneira estranha, ao vê-lo lembro do meu avô materno, que nem cheguei a conhecer, por ele ter falecido um ano antes de meu nascimento. Minha esposa também sempre gostou de fazer compras comigo no sacolão de Seu Martins, principalmente quando ele está com sua netinha, a Sofia, que provavelmente tem uns quatro anos de idade.

No caminho para casa minha esposa dizia:

- Mas que gracinha aquela menina, a Sofia. Parece muito comigo quando tinha a idade dela. Assim como ela, eu também era muito esperta.

Eu sempre achava muito engraçado ouvir minha esposa dizer isso, gostava da maneira como ela falava. Em suma, além de ser útil, era muito divertido frequentar a vendinha de seu Martins. Muitas vezes me sentia mais aliviado da correria do dia a dia, ao visitar meu amigo vendedor. Acho que isso se devia à maneira tranquila e paciente como ele falava. Muitas vezes eu chegava na vendinha e dizia:

- Seu Martins, hoje vou querer o cominho misturado com a pimenta do reino pisada.

E lá ia ele de maneira bem sossegada preparar minha mistura de temperos. Enquanto pacientemente misturava os ingredientes ele comentava sobre os resultados das partidas de futebol. Torcíamos pelo mesmo time, o que era um assunto a mais para conversarmos.

Em um agradável domingo de verão, cheguei cedo na vendinha de meu simpático amigo, que estava levantando a porta de esteira, tarefa que prontamente o ajudei a concluir. Em seguida ele me disse:

- Seu menino (era assim que ele me chamava carinhosamente), as verduras e frutas chegam jaja. Minha filha Vanusa foi agora mesmo buscar na distribuidora. Sente aí e vamos tomar um café.

Eu já tinha tomado café naquela manhã e não gostava de consumir essa bebida mais de uma vez por dia. Mas para não fazer desfeita com meu amigo, sentei em um banquinho de madeira e aceitei o seu café. Foi melhor assim, o café estava delicioso com cheiro e sabor da minha infância. Lembrava muito do cafezinho da minha vó Zuleide. Logo fui transportado àquelas tardes em que eu desenhava na mesa de casa, fazendo rabiscos de meus personagens favoritos, enquanto o cheiro gostoso de café exalava no ar, se misturando ao aroma de biscoito assado na manteiga.

Então minha avó dizia:

- Chega menino. Teu lanche já tá pronto.

- Já vou vovó, tô desenhando.

Ela ralhava comigo, de maneira engraçada, me lembrando que a bebida e a comida poderiam esfriar. Ah como eram belas aquelas tardes! Quantas saudades sinto! Lembro do céu azul, de um intenso profundo. Como eu era feliz naquele tempo, não tinha nada para me preocupar. Infelizmente esse tempo não volta mais.

Fui interrompido de minhas recordações por Seu Martins que dizia:

- Que calor danado, não me acostumo nunca à quentura dessa cidade.

Assim como eu, Seu Martins também era natural de uma pequena cidade do interior paraibano. Dei prosseguimento ao diálogo perguntando:

- O senhor gosta de viver aqui?

Ele não me respondeu diretamente, mas disse:

- Faz tanto tempo que vivo aqui, que não tenho mais o que fazer. Criei meus filhos neste lugar e todo mundo da minha família gosta muito dessa cidade. Mas eu prefiro o interior, sou bicho do Curimataú paraibano, sabe?

- Entendo, perfeitamente. Faz tempo que o senhor mora aqui né?

- Quase quarenta anos, você não era nem nascido Seu Menino. Quando cheguei aqui ainda não tinha todos esses prédios, mas a cidade já era grande e movimentada.

A partir daí ele começou um interessante relato sobre sua chegada na capital paraibana, no qual eu quase não o interrompi, fiquei apenas a escutar. Então ele prosseguiu:

- Tive que vir para cá porque o sítio Porteira, onde eu vivia, não me ofereceu muitas chances de trabalho, não tinha quase nenhum meio de vida. Quando meu pai faleceu eu era jovem e tive que ajudar minha mãe, então me mudei para cá, com a intenção de trabalhar com um primo que já tinha conhecimento nessa cidade e havia me indicado para uma vaga de vendedor de roupas em uma loja. Com o tempo juntei um dinheiro, casei e abri esse verdurão, pois eu sempre gostei de mexer com produtos da roça, sabe?

Eu assenti com a cabeça e ele continuou a relatar:

- Quando cheguei aqui sofri muito, sabe? Sempre fui muito preso ao campo, à minha família, e aos meus amigos de infância. Eu gostava muito de montar a cavalo, tirar leite de vaca e sair com meus cachorros. Jogava bola toda tardinha nos campinhos de terra batida, nadava no rio e gostava de ir para as novenas paquerar com as cabrochas.

Eu continuava a ouvir com interesse suas palavras e ele me relatava:

- Lembro que cheguei aqui numa tarde de domingo. Como aquele dia foi esquisito para mim. Ao descer do ônibus me bateu desespero e uma grande vontade de voltar para casa. Meu primo Francisco já me esperava na rodoviária, pegamos um ônibus e chegamos ao apartamento em que nós dois iríamos dividir o aluguel por alguns anos.

Ele prosseguiu:

- Ao chegar no apartamento notei que era pouco espaçoso, mas tinha uma pequena varanda. Ao olhar pela varanda percebi que o prédio era rodeado por uma bonita mata, composta de árvores altas. Na tarde desse dia assistimos um jogo de futebol em uma TV em preto e branco, enquanto cozinhamos a comida para toda a semana. Durante a preparação dos alimentos, eu era invadido por uma grande tristeza. Mal havia deixado meu lar e a saudade tremenda já se apoderava de mim.

Meu primo Francisco provou a comida e disse:

- Está muito boa Martins, parabéns!

Eu também provei, mas para mim parecia tão sem graça quanto minha vida naquele momento. De toda forma também disse que estava boa.

Após o jogo meu primo e eu ficamos ouvindo a rádio local, que tocava músicas antigas, o que aumentou ainda mais meu estado de melancolia. Francisco me explicava sobre o trabalho enquanto tomava sua cerveja. Ele me ofereceu, mas recusei por não estar em clima para bebidas naquele momento.

Resolvi dormir cedo, por volta das 9:00 horas da noite, eu acho. Fiquei a rolar no colchão, pois ainda não tinham camas no apartamento, com um misto de ansiedade, desilusão e desespero. Francisco roncava do outro lado do apartamento, o que me dava inveja, já que passei umas três horas sem pegar no sono. Nesse tempo, mil pensamentos tomavam minha cabeça e não me deixavam dormir, apesar do cansaço. Quando a cidade foi silenciando mais um pouco, no meio da noite eu comecei a ouvir um som familiar e confortante. Era um bacurau que cantava, provavelmente na mata, próxima do prédio. O canto daquela ave parecia a voz de um amigo, que veio me visitar para me trazer conforto. Aquele penoso cantar me lembrou da minha terrinha. Percebi que todas as noites antes de dormir eu ouvia o som do bacurau a cantar. A onomatopéia de seu canto parecia dizer “amanhã eu vou”.

Nunca havia reparado no canto daquela pequena ave. Mas dessa vez sua sinfonia noturna vinha até mim como um acalanto. Parecia o último fio de esperança de um condenado, trazendo paz e conforto. Por um momento achei que estava em casa, aquilo foi acalmando meu espírito e, enfim, adormeci.

No outro dia fui logo cedo para o trabalho e voltei muito cansado. Novamente fui dormir e ouvi o som do meu amigo pássaro. Era engraçado, mas nunca vi um bacurau de perto, no entanto, seu canto se tornou para mim muito precioso.

Por alguns meses minha rotina era extremamente cansativa e demorei muito a me acostumar. Mas todas as noites eu ficava a ouvir o canto do meu artista noturno predileto, que trazia paz e serenidade para minha alma. Eu ficava a esperar a cidade aos poucos ir silenciando para dar lugar a minha melodia da noite, meu acalanto. Até nas noites que eu chegava cheio de birita ficava a ouvir minha canção de ninar favorita. Me afeiçoei ao pássaro, quer dizer, ao seu canto, como teria me afeito a um amigo do peito.

De repente tudo isso mudou. Meses depois uma construtora comprou os terrenos próximos do prédio onde eu morava e começou a derrubar a mata, por longos dias o barulho das serras elétricas ressoava no ar. Quando eu chegava no fim da tarde, ainda podia ouvir toda aquela zoada, e até em alguns fins de semana também. O ritmo da ambição imobiliária era frenético. Logo, alguns condomínios populares foram sendo erguidos. Em pouco tempo a mata não existia mais, com que tristeza eu constatava isso a olhar pela varanda. Junto com a mata foi embora o som de meu amigo bacurau, me deixando mais triste e tornando meu fardo mais pesado.

- Sabe meu filho – Disse Seu Martins de maneira emocionada – acho que estão acabando com a natureza. A ganância do homem está acabando com aquilo que Deus fez, basta ver nos jornais a destruição das matas, da nossa Amazônia, do Cerrado, uma tristeza. Muitos animais morrem ou ficam desabrigados, tenho muita dó disso tudo.

O bom homem dizia isso de uma maneira tão calma e comovente que fui tomado também de uma grande tristeza. Então ele prosseguiu:

- Terminando a história, Seu Menino, fiquei um tempo naquele apartamento e nunca mais escutei o bacurau, não naquele lugar. Somente quando volto à minha cidade natal, para passar uns dias, é que escuto o canto do bichinho. Como te falei, fazem quase quarenta anos que moro aqui, mas nunca me acostumei a essa cidade. O calor, os prédios, o concreto, a correria, prefiro o silêncio e a tranquilidade do campo. Prefiro a natureza e o canto do meu amigo bacurau.

- Nesse momento chegou Vanusa, a filha de Seu Martins, com os estoques de verduras e frutas. Escolhi meus alimentos, enchendo algumas sacolas e me despedi de meu amigo vendedor. Suas palavras deixaram uma vívida impressão em minha cabeça.

UM VELHO AMIGO

Eu sempre fui alguém destituído de raízes, pelo menos é dessa forma que me enxergo enquanto pessoa. Nunca fui um cara preso a lugar, ou a pessoa alguma. Aos quinze anos saí de minha cidade natal, no interior paraibano e fui tentar a vida nas grandes cidades, primeiro São Paulo e depois Rio de Janeiro. Fiz uma primeira tentativa de união estável, com uma bela e atenciosa moça de São Paulo, mas não tivemos êxito juntos. Ela sempre reclamava demais das minhas farras, do meu comportamento. Logo terminamos depois de três anos juntos. Eu confesso que gostava muito dela, sofri a dor da separação durante mais de três meses, mas, infelizmente, teve que ser assim. Depois dela houveram algumas outras mulheres, mas não me apeguei a nenhuma outra por muito tempo. Também optei por não ter filhos, sempre achei que uma criança iria me manter preso, além do mais, nunca encontrei a pessoa certa. Nunca quis ter um filho criado sem mim.

O conjunto de situações e vivências que tive ao longo da minha vida me levaram a acreditar que não devemos nos apegar a ninguém. Eu julgava que a memória era a grande fonte de nossas fraquezas, muitas vezes sofremos por conta daquilo que lembramos. O apego e a lembrança são fontes da saudade, portanto, é preciso não lembrar para não sofrer, eis o meu imperativo. Carreguei essa máxima comigo por longos anos, o que me tornou uma pessoa empedernida, e para muitos até insensível.

Eu consumia meus dias em uma árdua rotina, já que trabalhava na construção civil. Durante a semana o vazio de minha existência era preenchido pelo excesso de trabalho, ao fim da rotina de labor eu chegava tão exausto em meu apartamento que mal tinha tempo pra pensar, assim, tomava meu banho, esquentava minha comida, tomava minha refeição e dormia como uma pedra, esse era meu ritual das segundas às sextas.

Nos fins de semana eu consumia o resto de minhas energias em boates e bebedeiras. Após as farras eu dormia o resto do domingo inteiro, e aproveitava também para cozinhar e cuidar dos afazeres domésticos, como lavar a roupa da semana e deixar o apartamento minimamente limpo e arrumado. Com que cansaço eu dormia naquelas tardes de domingo, muitas vezes acordava apenas no dia seguinte, no horário de ir para o trabalho, mas acho que era realmente melhor dormir do que estar acordado. Portanto, essa foi minha rotina, durante os últimos trinta anos de minha vida, estive mergulhado na correria, no cansaço e no alheamento das coisas. Tão alheio ao mundo ficava, que meus familiares cansaram de reclamar que nunca fui muito de dar notícias, passava meses e meses sem fazer um telefonema, enviar uma única carta ou uma simples mensagem.

Em uma certa semana tive que retornar a minha cidade natal para tratar da venda de um terreno, que havia herdado do meu pai. Durante a viagem eu me hospedaria na casa de minha irmã Piedade, pois minha mãe e meu pai já haviam partido. Piedade era minha parente mais próxima. Ela vivia em uma humilde casa, com seus dois filhos, Pedro e Joaquim. Durante o almoço, no dia que eu havia chegado, Piedade me diz o seguinte:

- Roberto, você precisa visitar a casa de seu amigo Josimar, a mãe dele a Dona Emília ainda está muito abalada pela morte do filho, você precisa prestar sua solidariedade.

- Certo minha irmã, irei assim que puder, preciso resolver os negócios do terreno.

- Não deixe de ir, por favor!

Naquele momento, a contragosto, me lembrei de Josimar, que conhecíamos em nossa cidade como Jó, coincidentemente, a história dele se assemelhava à história do Jó bíblico, havia conquistado uma grande riqueza, porém acabou perdendo tudo, diferentemente do Jó bíblico, meu amigo não chegou a reaver seus bens, mas morreu na pobreza, vivendo de favores de seus familiares.

Jó desde muito jovem havia viajado para o Rio de Janeiro. Ele começou a trabalhar, também na construção civil e logo foi ascendendo socialmente. Em menos de dez anos ele já tinha sua própria empresa, se tornando construtor de renome. Lembro que uma vez fui convidado por Jó para visitá-lo em sua chácara no interior do estado do Rio. Ouvia dizer que todos os fins de semana ele fazia grandes churrascos nesta propriedade, ele era um cara legal.

No dia em que estive na chácara de Jó, há uns quinze anos atrás, tomamos uma grande, ele conversava sobre nossa juventude e sobre a época das vacas magras, mal sabia que essa época retornaria novamente para ele, infelizmente. Soube que Jó havia feito uma série de negócios mal sucedidos e também havia sido trapaceado por pessoas de confiança. Em pouco tempo ele perdeu tudo aquilo que havia conquistado, e afastou todas as pessoas de si, inclusive sua família. Então, esse meu amigo teve que voltar para a casa de sua mãe, onde passou o resto de seus dias, sendo acometido por uma grave doença, que ceifou sua vida de forma prematura, ele tinha pouco mais de cinquenta anos.

Soube de seu falecimento, porém evitei pensar sobre isso, nunca gostei de pensar sobre a morte, creio que ninguém gosta. Também nunca fui afeito a funerais, tanto é que não fui a nem um dos funerais dos meus pais. Sei que fui julgado por isso, principalmente em uma cidade pequena, onde muitas pessoas que vão para um velório pretendem muito mais observar quem estava chorando do que prestar sinceras condolências aos familiares. Por isso, sempre preferi me manter longe desse ambiente de hipocrisia e morte, que é criado pelo clima de um funeral. Sei que a morte é uma realidade dura que devemos encarar, mas por que pensar nisso agora? Encaremos ou não, jamais estaremos prontos para tal realidade.

Ao encaminhar meus negócios em minha cidade natal, já estava planejando meu retorno e arrumando minhas malas, mas novamente minha irmã insistiu em minha visita à mãe de meu amigo dizendo:

- Roberto, por favor, não esqueça de visitar Dona Emília, vi ela hoje, que perguntou por você.

- Tudo bem, irei agora mesmo. – disse e saí muito a contragosto. Realmente fui por pura obrigação, não por vontade.

Como a cidade era bem pequena, fui caminhando até que cheguei em frente à casa da mãe do meu amigo. Mesmo não tendo visitado a cidade de Carrapicho por muitos anos, ainda lembrava perfeitamente onde ficava a casa de dona Emília, apesar da cidade ter mudado bastante, novas casas, asfalto, lojas e até prédios, a configuração da rua ainda era a mesma. As mesmas árvores na frente das casas, e apesar de estar com ares mais modernos, Carrapicho ainda conservava uma áurea do passado, não sei explicar, mas era isso que eu sentia.

Bati palmas na frente da casa, mesmo havendo uma campainha ao lado do muro do portão, estranhamente fiz isso por um velho hábito de cidade do interior. Logo ouvi a voz de Dona Emília dizendo: - Já vai!

- Também comecei a ouvir o som de um cachorro que latia de forma quase desesperada. O animal parecia bater em uma porta tentando entrar ou sair de algum lugar. Dona Emília dizia ao cão: - Calado Leleu, temos visita, calado!

O cachorro obedeceu por alguns minutos, mas em seguida ficou choramingando baixinho, não sei porque, mas fui invadido por um estranho sentimento de comoção, assim como o cachorro, também fui invadido por uma estranha vontade de chorar.

Logo Dona Emília chegou no portão e me vendo ela já foi tomada pela emoção:

- Ah, Robertinho, meu filho, você veio. Como eu me lembro do Jó ao te ver. Lembro de vocês dois indo para a escola, para as festas juntos. Oh meu Deus!

Eu abracei a velha senhora dizendo:

- Meus sentimentos.

- Obrigada meu filho, vamos entrar.

- Vamos sim

- Vou fazer um café.

- Obrigado, será ótimo tomar novamente o café da senhora.

- Quando sentei ouvi uma forte batida vindo do quintal da casa, em seguida um velho cachorro vira-lata vinha em minha direção. Ele parecia estar cego, pois vinha farejando. Ao chegar aos meus pés o cachorro passou a choramingar baixinho, mas em seguida seus ganidos ganharam intensidade, passando a se tornar quase uivos. Ele também veio para cima de mim e começou a me lamber. Fiquei perplexo, e então vinha Dona Emília em sua lentidão dizendo:

- Leleu, saia daí, deixe nosso amigo em paz.

- Em seguida a velha senhora olhou para mim e disse:

- Não se preocupe meu filho, ele não morde, até porque perdeu a maioria de seus dentes. O pobre Leleu está bem velhinho, ele pertencia ao Jó. Meu filho trouxe o cachorro de sua chácara no Rio. Recentemente Leleu perdeu a visão e vive preso no fundo do quintal, ele está meio doente e quase não se alimenta mais. Meu neto Paulinho gostava de passear com ele, mas o cachorro não aguenta mais os passeios, o pobrezinho do animal anda meio caído dos quartos, ele tropeça de palmo em palmo.

- Quando Dona Emília me disse isso foi como se eu tivesse sido atingido por um raio. A memória, algo que em mim tanto incomodava e que eu buscava deixar para trás, veio aos borbotões. Lembrei que havia visto o cachorro naquele dia de churrasco na chácara de Jó, aproximadamente quinze anos atrás. Claro, o cachorro ficou o dia inteiro perto de nós, de vez em quando eu colocava ossos para ele, a contragosto de Jó que me dizia:

Cara, não faz isso, pois estraga o pelo do cão, ele só come ração, o veterinário disse que eu não colocasse carne temperada para ele.

O cachorro continuava perto de mim, agora ele colocava a cabeça entre minhas pernas, como se quisesse ser afagado. Leleu fazia sons baixinhos, como se estivesse tentando dizer alguma coisa e me arranhava com suas patinhas. Quem visse a cena diria que o cachorro agia como alguém que encontrou um velho amigo. Leleu passou a levantar a cabeça em minha direção, como se quisesse me olhar, apesar de estar cego. Nesse momento, vi os olhos do cachorro e fui tomado novamente por uma profunda tristeza. Seus olhos foram tomados por um véu azulado, parecendo os olhos de um ancião que sofre de catarata. Logo as lembranças me golpearam de maneira súbita, lembrei que o cachorro tinha olhos castanhos e muito vívidos, em minhas lembranças, daquele dia de churrasco, cheguei a recordar até a tonalidade castanha dos olhos de Leleu, que combinavam perfeitamente com seu pelo amarelado. Lembro que até comentei isso com Jó, que orgulhoso abraçou o cachorro dizendo:

- Esse é meu filhão, ele é muito esperto.

Também recordei que nesse dia de churrasco o cachorro estava no auge de sua forma de animal. Realmente ele era muito esperto. Gostava de estar no meio das pessoas, em uma posição imponente, parecendo estar sentado, observando tudo com seus vívidos e graciosos olhos castanhos. Nesse dia uma jovem senhora afagou a cabeça do animal e disse:

- Que coisinha linda, quero levar ele pra mim.

O cão parecia entender os elogios, pois ficava em sua garbosa posição. Nesse momento ele até parecia sorrir, com sua língua entre os dentes. Também lembro que meu amigo ficava todo orgulhoso com os elogios ao seu animal, sempre dizendo:

-Esse é o filhão de papai.

- O cachorro parecia compreender perfeitamente tudo que se passava, pois a cada elogio, parecia que sua graciosidade aumentava ainda mais. Mas agora, com que pesar eu via a pobre criatura em sua decadência, tão similar à decadência de seu dono. Apesar do véu azul em suas pupilas, o pobre cão ainda mantinha a ternura de seu olhar, e de alguma forma parecia ainda manter um parcela ínfima de sua graciosidade. Novamente fui tomado por lembranças, estranhamente o cão me fazia lembrar do seu dono, meu velho amigo. Voltei ao tempo em que eu e Jó íamos para a escola juntos, das primeiras namoradinhas. Ele foi um grande amigo, não sei porque acabei me distanciando dele, de todo mundo, inclusive de mim mesmo.

Nesse momento o café de Dona Emília já estava sendo coado por ela, em um velho pano escuro. O cheiro daquela bebida novamente me trouxe inúmeras lembranças da infância, quantas vezes eu havia tomado o café daquela amável senhora, depois de passar a tarde inteira brincando com o seu filho Jó. Ficávamos horas e horas jogando bola de gude e pião, tudo isso me veio à mente. Ah como aquelas tardes eram belas, o céu azul de minha cidade é único. No fim da tarde quando voltava para casa lembro do tom rosado do céu, que aos poucos ia escurecendo. Naquele dia o céu estava com aquele mesmo tom rosado, o que contribuía com meu turbilhão de memórias.

Me peguei pensando: por que eu havia esquecido tudo isso? Fui me distanciando dessas pequenas coisas e logo acabei esquecendo de minha própria identidade, de minhas raízes. Até aquele pobre cachorro foi capaz de lembrar de um velho amigo, depois de muito tempo, e eu insistia em me manter naquele casulo do esquecimento. Percebo que não só esqueci das coisas, das pessoas, como também fui ingrato. Sim, ingrato com todos, com meus familiares, com meus amigos, com as garotas, com o pobre Leleu, com a vida, comigo mesmo, com Deus. O que aconteceu comigo?

Nesse momento, dona Emília vinha com uma xícara de café e um prato com alguns biscoitinhos. Eu acariciava a cabeça do cachorro, que parecia estar satisfeito. Dona Emília olhou dizendo:

- O pobrezinho gostou de você, depois que Jó se foi ele fica a maior parte do tempo sozinho. As vezes Paulinho gosta de brincar com ele, mas ele está tão velhinho que não consegue fazer quase nada.

- Então Dona Emília percebeu que eu estava chorando copiosamente, a pobre senhora deixou as louças na bancada de centro e veio me abraçar, dizendo:

- Oh, meu filho, sei que você sentiu muito a partida do Jó, vocês eram muito amigos.

Mal sabia Dona Emília que eu chorava não só a morte de seu filho, mas a minha própria morte. Sim, todos esses anos fui um cadáver vivo. Jó partiu por uma doença do corpo, eu parti, em vida, por uma doença da alma.

Após tomar o delicioso café de Dona Emília e conversar um pouco sobre o passado, me levantei para se despedir da mãe de meu amigo. Leleu estava deitado em meus pés, dormindo. Ele se acordou assustado com meu movimento brusco de se levantar da cadeira. Cumprimentei Dona Emília e fui me retirando, percebi que ela e o cachorro choravam juntos, em uma estranha mistura de sons, ambos sabiam que não tornaríamos a nos ver.

Voltei para a casa de minha irmã com uma estranha sensação. Ao contemplar o rosa do céu, que aos poucos ia escurecendo, tive um grande medo de voltar para minha vida. Pela primeira vez tive medo da solidão.

BEM-TE-VI

O ônibus seguia de forma truculenta por uma das principais avenidas do bairro. Era um desses sonhadores dias de sábado, em que a folga do trabalho te permite fazer planos e pensar de maneira otimista. O céu estava de uma azul profundo, típico dos dias de outubro nesta cidade. Certamente seria um daqueles dias de praia. Em uma das paradas, os passageiros foram bombardeados por propagandas de um novo empreendimento imobiliário da cidade, eram cartazes, panfletos e alto-falantes a anunciar o valioso produto. Algumas moças entregavam panfletos para os motoristas, quando o sinal fechava. Se a propaganda é a alma do negócio, aquele negócio estava sobejo de alma.

Por curiosidade eu decidi pegar um daqueles panfletos, embora sem muito interesse. Logo vi que o empreendimento se tratava de um bonito condomínio, que seria construído por uma conhecida construtora, com elegantes áreas comuns, espaço fitness, playground, espaço gourmet, entre outras comodidades da vida moderna. Certamente venderia como água, já que aquele bairro era um dos mais solicitados na cidade. Além do mais, eu percebi que o condomínio seria construído em alguma das ruas em que rotineiramente eu fazia minhas caminhadas de fim de tarde. Porém não me importei muito e segui minha jornada de sábado.

Alguns dias depois, ao sair de casa para mais uma das minhas caminhadas vespertinas, eis que escuto os estridentes anúncios da mesma propaganda imobiliária de dias atrás. Ao caminhar um pouco mais, avisto o stand de vendas da construtora, estava cheio de possíveis compradores e alguns curiosos que queriam conhecer a novidade. Qual não foi minha surpresa ao ver que o condomínio seria construído justamente no espaço onde ficavam as belas e majestosas árvores, onde eu geralmente parava para descansar de minhas corridas semanais. Quantas vezes eu não fiquei a cismar sobre a vida contemplando aquelas belas árvores? Duas mangueiras, algumas castanholas, uma macaíba, um ypê e algumas acácias.

Um pouco mais à frente do stand de vendas, já era possível ver que os trabalhos estavam a todo vapor. A locomotiva capitalista a tudo atropela, com seu ímpeto pelo lucro. Era possível ouvir os sons de motosserra. Uma tristeza imensa tomou conta de mim. Porém segui meu caminho.

Ao retornar para casa, passei no mesmo lugar, agora já não havia mais o som irritante das propagandas, mas algumas pessoas ainda conversavam com os vendedores e corretores de imóvel de plantão. Vi que boa parte das árvores já haviam sido derrubadas. E notei um detalhe que a todos aparentemente passava despercebido. Bem em cima de um poste de eletricidade estava um bem-te-vi a contemplar toda a destruição de seu habitat, ele emitiu seu canto onomatopeico. Porém algo estava diferente e errado, seu cantar não saiu à maneira do canto alegre característico de sua espécie. Seu canto parecia perpassado por notas de tristeza, provavelmente seria uma mãe lamentando a perda de seu ninho. Mas as

pessoas estavam encantadas demais com o progresso para notar uma insignificante ave. Talvez de todos os presentes, eu tenha sido o único a partilhar a tristeza do pobre animal, ao perceber a estúpida cegueira causada pela ambição imobiliária. Infelizmente, não sei o que será de nós.

Fui interrompido de minhas vãs reflexões pela pequena ave, que continuava seu cantar:

- “Bem-te-vi”, “Bem-te-vi”

Porém, tenho certeza que de todas as coisas que minha amiga ave possa ter visto nesse momento, o bem não estava entre elas.

CHAMADA ATENDIDA

Betinha se virava para os lados da cama e não conseguia dormir. Ela pensava em todos os afazeres do dia seguinte. Não bastava uma árdua jornada de trabalho, os problemas ainda lhe perturbavam na hora de dormir, impedindo que ela tivesse uma revigorante noite de sono. Betinha era uma experiente professora de língua portuguesa, lecionava para jovens do ensino fundamental II. Mas os últimos meses estavam sendo extremamente difíceis, muita cobrança, alunos desinteressados, como ela nunca vira antes e excesso de burocracia. Depois de um extenuante dia de trabalho na escola, ao chegar em casa ela ainda dedicava longas horas a outros afazeres pedagógicos que haviam ficado por fazer, realizava seu planejamento de aulas para o dia seguinte e preenchia as diversas planilhas escolares. Em todos esses anos de educação ela tinha a impressão de que a escola estava ficando cada vez mais burocrática. Em meio a todo esse trabalho desgastante, a experiente e dedicada professora passava seus dias em solidão.

Betinha havia se tornado uma pessoa solitária, seu marido Bento havia falecido há 10 ano atrás, ela não tivera filhos, a muito não tinha nenhum relacionamento amoroso. Anos atrás ela teve um longo namoro com um outro professor chamado Paulo, porém o relacionamento não foi adiante, Paulo era adepto das bebedeiras e saídas no fim de semana, um cara extremamente fanfarrão e agitado. Aos poucos Betinha percebeu que ele não fazia seu tipo. Desde então, ela optou por se dedicar ao trabalho. Há mais de trinta anos Betinha morava sozinha no mesmo apartamento. Para diminuir a sensação de solidão ela até criou um gato, mas depois que ele morreu ela não quis mais ter animais, pois sofreu muito quando viu Nino, o seu gato, definhar com uma doença intestinal.

No ritmo frenético de seu trabalho Betinha passava os dias sem perceber, ela mesmo dizia a seus colegas que esses trinta anos de sua vida tinham passado tão rápido, como se fossem apenas um breve instante.

Um dos lazeres favoritos da dedicada professora era fazer suas longas caminhadas de fim de tarde com sua amiga Luzia. Anos atrás as duas trabalharam juntas em uma escola, mas a amizade perdurou por muito tempo. Todas as quintas e sextas, no fim da tarde, as duas amigas eram vistas cruzando o calçadão de uma das maiores avenidas da cidade. A conversa entre as duas amigas transcorria naturalmente, falavam sobre seus alunos, sobre receitas, sobre o período de infância no interior, pois as duas eram naturais de cidades interioranas, Betinha era do Brejo, enquanto que Luzia era sertaneja. No meio da prosa, a caminhada repentinamente terminava. Para Betinha essa atividade física com sua amiga era uma grande terapia, ela esquecia dos problemas e se sentia mais leve.

Repentinamente, tudo mudou. Luzia estava impossibilitada de caminhar, havia descoberto um câncer de garganta. A doença avançava a passos largos. Certo dia ao visitar sua amiga, Betinha saiu de coração partido, pois percebeu que a mesma definhava cada vez mais. Ao ver sua amiga em estado de debilidade, estranhamente Betinha teve uma

sensação horrível ao lembrar seu gato Nino. De modo estranho, ao olhar para o semblante da sua amiga ela parecia enxergar o semblante de sofrimento do seu gato. Cortava o seu coração ouvir Luzia dizer:

- Eu ficarei boa, se Deus quiser. Tenho muita fé e sei que vencerei essa batalha. Com fé em Deus!

Apesar de ter uma grande consideração pela fé de sua amiga, Betinha tinha o pressentimento de que Luzia não resistiria muito tempo à doença. Cansada de ver o sofrimento da companheira de caminhadas, Betinha a cumprimentou, cumprimentou Jorge, marido da amiga, e Ana, a filha do casal, e em seguida foi embora com uma estranha sensação de que não veria mais sua estimada companheira Luzia.

A sensação de Betinha havia sido certeira. Dois dias depois ela recebeu a triste notícia do falecimento de Luzia. Betinha foi ao funeral em consideração a sua grande amizade, pois detestava o clima fúnebre dos velórios e sepultamentos. Nas reservas de seu sofrimento ela chorou de maneira contida. Após o funeral voltou para casa com uma forte dor de cabeça.

Desde que Luzia havia falecido, os dias passavam de maneira melancólica para Betinha. Ela não encontrava mais razão naquilo que fazia. A morte de sua amiga havia desencadeado um gatilho de reflexão sobre a brevidade da vida. Betinha passou a pensar em tudo que havia deixado para trás, em tudo que não viveu, em tudo que não aproveitou. Além disso, pensou em todas as perdas que a vida lhe impôs, primeiro seus pais, depois o irmão mais velho, por problemas com o alcoolismo. Em seguida, perdera seu marido Bento para um trágico acidente de carro. E mais recentemente havia perdido também seu gatinho Nino. Por último, havia partido Luzia, sua amiga de caminhadas. Com uma profunda tristeza, Betinha concluiu que todos nós morremos em vida; morremos ao deixar de lado algo que gostamos ou almejamos, seja por conta dos afazeres diários, seja por causa das contingências do dia-a-dia; morremos quando deixamos o tédio maçante do cotidiano nos engolir e nos impossibilitar de enxergar a beleza da vida; e por fim, morremos aos poucos quando perdemos aqueles que amamos, até mesmo um animalzinho como o Nino. Em suma, a cada dia morremos um pouco.

Após a morte da amiga, Betinha passou a ter um estranho hábito. Ela ligava todos os dias para o número de Luzia, tinha uma irracional esperança de que a chamada pudesse ser atendida por sua amiga, porém segundos se passavam entre as indiferentes chamadas do aparelho celular, certamente a família de Luzia já havia desativado o número de telefone. Ao encerrar a chamada, com profundo pesar Betinha voltava a si e concluía que jamais o telefone seria atendido novamente. Jamais escutaria a voz de sua amiga, jamais caminhariam juntas novamente. Nuca mais! Nunca mais, repetidas vezes nunca mais, como cantava o corvo de Poe.

Porém, certo dia algo estranho aconteceu, ao repetir o lúgubre ritual de ligar para sua amiga Luzia, Betinha esperou a chamada ser concluída, mais por hábito do que por

esperança. No entanto, eis que ela ouve um som diferente, a chamada havia sido atendida. Ela escuta uma voz de mulher atender. Surpresa, Betinha pergunta quem está na linha. A voz responde o seguinte:

- Olha senhora, eu comprei esse chip recentemente, venho recebendo ligações de bancos querendo falar com uma outra pessoa que não sou eu, creio que esse número pertencia a outra usuária e foi herdado por mim. Então, creio que não sou a pessoa com que a senhora deseja falar.

Betinha percebeu, que o número de sua amiga havia sido herdado por outra pessoa, certamente a operadora de telefonia havia desativado o número de Luzia por falta de uso e em seguida teria repassado o mesmo número para outro usuário. Ao chegar a esta óbvia conclusão, Betinha lamentou profundamente a ausência definitiva da amiga e procurou forças para seguir os dias de maneira vazia e melancólica.

FÉRIAS

Jorge estava inquieto. Já eram três horas da manhã e ele ainda não conseguia tirar um cochilo sequer. A viagem para sua terra natal estava mexendo com ele. Jorge percebia que sua esposa Kátia dormia um sono de pedra. Isso trazia a ele uma estranha sensação de estar sozinho, mesmo estando ao lado da companheira. Depois de ficar a ouvir o som dos grilos por horas, Jorge começou a adormecer, no entanto, repentinamente o despertador toca e ele percebe que Kátia já havia levantado, o cheiro forte de café denunciava isso. Ao sair do quarto se depara com sua esposa, que estava com uma ótima aparência, pois havia tido uma reparadora noite de sono. Ela diz: - Bom dia preguiçoso, o café está na mesa. – Em seguida, ela o abraça e dá um sonoro beijo em seu rosto. Jorge sentiu um peso gigantesco em sua cabeça e em seu corpo, por conta de uma noite de sono mal dormida.

Na mesa do café, Jorge começa a refletir sobre tudo que conquistara nos últimos trinta anos. Tinha um bom trabalho, uma amada e dedicada esposa, e uma bonita e estudiosa filha, aliás, sua filha Clara estava morando em outra cidade, cursando engenharia civil em outro estado. Em suma, Jorge se orgulhava de uma confortável e próspera vida. Apesar de todas essas conquistas, as vezes ele era assolado por um estranho sentimento de que algo lhe faltava ou de que estaria no lugar errado, porém isso acontecia só às vezes.

A viagem seria cansativa e duraria alguns dias, pois o destino final ficaria em outro estado, mais precisamente no Curimataú paraibano, na cidade de Carrapicho. Por sorte, Jorge poderia descansar um pouco enquanto Kátia iria conduzindo o veículo. Ele preferia viajar de avião, mas sua esposa apreciava a aventura de passar alguns dias na estrada. Além do mais, os dois estavam de férias e podiam viajar de maneira tranquila e sem pressa. Eles pretendiam chegar no sítio Porteira na manhã de domingo, dia 14 de Julho, o motivo da viagem era um pedaço de terra deixado de herança por seu pai. Jorge não fazia questão, por isso cedeu sua parte a seus irmãos Jânio e Amélia, mas era necessário a assinatura de todos os herdeiros para que a propriedade fosse vendida, o que fez com que Jorge tivesse que retornar para o seu lugar de origem. Um dia ele cruzou o sítio Porteira e jurou não voltar para aquela vida sofrida nunca mais, apesar de ter uma família unida, aqueles eram tempos difíceis.

De todos os irmãos, Jorge foi o único a deixar o sítio Porteira, para não voltar mais, pelo menos para não mais morar ali. De toda forma, estranhamente nas últimas horas, ele sentiu saudades de todo sofrimento, das horas de lida no campo, das mãos calejadas pela enxada. Um dia ele cansou daquilo e resolveu voar para longe. Toda sua dedicação e esforço surtiram efeito, e logo ele se tornou um grande mecânico de automóveis. Em pouco tempo, já estava trabalhando por conta própria e atualmente se orgulha de ser dono de três oficinas em uma das maiores cidades do país. No entanto, o destino o colocara novamente de volta às suas origens.

A viagem transcorreu tranquila, no início Kátia conduziu o carro, para que Jorge pudesse repor suas energias. Ela conduzia com uma incrível constância e toda sua calma de professora universitária de meia idade. O som estava ligado baixo e tocava músicas lentas dos anos 80, o que fez com que Jorge adormecesse. Após alguns dias de paradas em hotéis e postos de gasolina, quilômetros rodados e as mesmas músicas tocadas repetidamente, enfim, na manhã de domingo, conforme o planejado, eles chegam em Carrapicho.

De cara, Jorge se surpreende com a incrível transformação da cidade. Isso o fez pensar em André, filho de seu colega de trabalho, Paulo. Jorge reviu os dois, pai e filho, esses dias e até tomaram umas cervejas juntos. Tinha visto André quando criança e reviu agora já adulto, não o reconheceu em nada, apenas momentos depois, após algumas conversas em um barzinho, reconheceu alguma coisa da criança no adulto, mas não sabia o que era, talvez o olhar vívido. Da mesma forma ocorria com sua cidade natal, no meio de toda mudança ele jurava reconhecer algo, porém não saberia dizer o que era, por um momento ele achou que fosse o clima frio e o cheiro da cidade, mas isso lhe pareceu estranho e ele resolveu parar de divagar sobre uma coisa tão irrelevante. Kátia dizia estar achando a cidade uma graça, calma e aconchegante.

Jorge havia combinado de encontrar seu irmão Jânio no primeiro posto de gasolina da cidade. Logo, ele viu o irmão aguardando em sua humilde motocicleta. Os irmãos se reencontram depois de muito tempo. Jorge percebe que a vida e o tempo não foram muito generosos com Jânio, ele envelhecera demasiadamente, mais que o normal. Apesar de ter aproximadamente 55 anos, ele aparentava já ter uns 70 anos. Seu rosto estava totalmente enrugado, o que fez Jorge pensar em um maracujá murcho. Além disso, o cabelo desalinhado era de uma branquidão completa, com poucos fios grisalhos perto das orelhas. Ao notar o irmão, Jânio reage dizendo:

- E ai cabra, tava sumido, esqueceu da gente foi?

- Jorge Responde – Que nada cara, é o trabalho, sempre quis visitar você e a Amélia, mas não tive tempo. E como vai sua esposa, a Sandra? E os meninos?

- Tá tudo na paz cabra.

- Em alguns minutos Jorge estava almoçando com sua família, seus irmãos, sobrinhos e sua esposa. Silenciosamente ele sentia uma espécie de desconforto e alguma ansiedade inexplicável, daquelas que parecem gelar o estômago e aparecem sem motivo algum. Jorge sentia que deveria fazer alguma coisa, mas não sabia exatamente o que era, o que o deixava um pouco angustiado. Após o almoço ele resolveu tirar um cochilo, para descansar o corpo do desconforto de dias de viagem. Realmente, fazia dias que sua coluna não relaxava em uma boa cama. Repentinamente ele dormiu, estava sonhando com sua meninice, as caçadas de preá com seu irmão. Até que ele acorda com a voz de Jânio dizendo:

- Jorge, vou te levar para dar um giro pelas terras do sítio Porteira, muitos anos sem passar por essas bandas. Você precisa ver como as coisas estão.

- Ótimo, vamos nessa! – Ele resolveu deixar sua esposa continuar dormindo, Kátia realmente parecia estar precisando de um bom cochilo, ela havia ficado exausta da viagem, apesar de estar se divertindo muito.

Os dois irmãos rodavam na motocicleta 97 de Jânio. Jorge notava a grande mudança operada naquelas terras. Muitas casas tinham sido construídas. Haviam algumas antenas de sinal de internet e de TV a cabo, parecia que a globalização havia escancarado Porteira para o resto do mundo. Muitas motos e automóveis circulavam na estrada. Também era possível ver várias placas de obras que seriam feitas. Em uma delas era possível reparar que havia um projeto de construção de rodovia, provavelmente uma BR. Poucas coisas eram familiares para Jorge no meio de toda mudança. Além disso, parece que alguns anos de seca haviam atingido aquela região. Nessa altura do ano, era normal que a terra estivesse molhada, as plantas bem verdinhas e muita água nos riachos e lagoas. Porém, no lugar disso, era possível apenas ver uma terra cinzenta e uma coloração próxima do amarelo nas folhas das árvores. Quase nenhuma lagoa ou riacho na região. Diante disso, Jorge decide perguntar:

- Aqui está bem seco, né?

- Sim, os últimos anos foram terríveis. Nunca vi seca tão medonha. Talvez apenas a seca de 1915, que Papai falava, mas não sei, não vivi nesse tempo. Só sei que em toda minha vida não vi época mais seca, já morreram pra mais de vinte pés de manga na redondeza, a terra tá secando mesmo.

Mais à frente Jorge avista um riacho seco e diz:

- Este não é o riacho dos carneiros?

Sim, nunca mais pegou água. Nem parece aquele riacho que dava cheias violentas e nos impedia de ir para a escola. Você lembra daquele dia em que esse riacho quase arrastou a Amélia? Acho que foi em 73.

- Claro que lembro, tempos difíceis aqueles.

Alguns metros à frente Jorge manda parar a moto, perto de uma árvore que ficava na subida de uma ladeira e diz:

- Nossa senhora, o umbuzeiro da encruzilhada, não acredito nisso. Lembro que todos os dias passávamos nesse umbuzeiro quando íamos para a escola.

- Jânio diz – Pois é, lembro que muitas vezes enganávamos a fome com os umbus desta velha árvore. Logo ela será derrubada para a construção da estrada, uma pena.

- Realmente foi uma grande sorte ter visto essa árvore de pé, um milagre, na verdade. – Concluiu Jorge.

A árvore era um belo umbuzeiro, que ficava no início de uma ladeira, no meio de uma estrada que se cruzava. O verde das folhas do umbuzeiro contrastava com a paisagem cinzenta ao seu redor, parecia que naquele clima hostil apenas o umbuzeiro era o único ser completamente adaptado.

Jorge pensou que rever o velho umbuzeiro foi como rever um velho amigo. A árvore trouxe várias recordações de sua infância, era como se ele estivesse assistindo um filme, rodado em cores em sua própria cabeça, lembrou dos dias chuvosos em que ia para a escola na marra e parava para se abrigar debaixo do umbuzeiro, lembrou do dia em que quebrou um jarro de leite com uma pedra, e para fugir da surra da mãe correu e subiu no umbuzeiro, mas sobretudo, lembrou que debaixo desta árvore havia descoberto o amor. Inúmeras vezes ele e Luizinha tinham trocado beijos, carícias e juras de amor. Ele prometia casar com ela, que ficava toda orgulhosa e sorridente. Até que certo dia o seu pai chegou repentinamente na sala de casa e disse:

- Jorge, seu cabrito sem vergonha, Canindé acabou de me falar que ontem viram você e a filha dele, Luiza, na maior safadeza debaixo do pé de Umbu. Olhe vou mandar você ainda esse mês para o sul, morar com seu primo e aprender uma profissão. Não vou acobertar suas canalhices e nem vou sustentar vagabundo. Vá se preparando, você viaja antes que faça alguma besteira com a filha dos outros.

- Depois desse dia, ele viu Luiza uma última vez, de relance, antes de sair no bagageiro da bicicleta de seu irmão Jânio, que o levou até o ônibus da viação Santo Antônio, com destino à sua vida atual. Nesse momento, sua memória afetiva trouxe de volta o cheiro de perfume barato usado por Luiza, sua voz e o toque de sua pele. Ele lembrou que adorava mirar nos olhos negros de sua pequena amada e jurar que se casaria com ela. O semblante de timidez e orgulho de Luiza, quando ele fazia essas juras, era o que ele mais gostava. Que belos olhos ela tinha. Nesse momento Jorge perguntou a seu irmão:

- E aquela menina, nossa vizinha, a Luizinha, por onde ela anda?

- Rapaz, depois que você foi embora ela ainda ficou por aqui uns três anos, depois que a mãe dela morreu, a Dona Carmelita, Luiza, o pai e seus irmãos se mudaram para outra cidade. Anos depois soube que ela casou e viajou para a Bahia com o marido. Nunca mais soube nada desse povo, mas acho que o pai dela, o Sr. Canidé, ainda mora em Barreiras, a cidade vizinha.

- Após essa descoberta, Jorge sentiu que nunca mais veria Luiza e seus olhos ternos e cheios de timidez. Ele sentiu uma pequena lágrima correr pelos seus olhos. Se dirigiu até o pé de Umbu e abraçou a árvore, estranhamente ele sentiu que havia reciprocidade no abraço por parte de sua amiga vegetal, devido ao vento, realmente parecia que a árvore se movimentava para abraçar um velho conhecido. Quanta saudade de sua infância ele sentiu durante aquele abraço, parecia que a própria natura se comovia com um lapso de sentimentos despertados naquele instante. Jorge seguia abraçado àquela árvore, como o condenado que se agarra à sua última esperança, o que era observado com estranheza por Jânio. Toda aquela cena parecia uma despedida, e de fato era, a partir dali Jorge jamais retornaria àquele local, a árvore provavelmente seria derrubada nos próximos dias para dar espaço a um trecho de rodovia. Muitos iriam cruzar aquela estrada, que representou para ele a encruzilhada de seu destino. Ele sentiu que nunca mais voltaria àquele local e nem

veria novamente a velha árvore, isso o deixou com aspecto pensativo durante todo o resto de viagem. Kátia perguntou o que havia acontecido e ele simplesmente respondeu:

- Não foi nada amor, apenas estou um pouco cansado da viagem, e preocupado com o retorno das férias, pois muita coisa pendente ficou para resolver.

HIBERNAÇÃO

Era uma noite fria e sem graça. As ruas da cidade estavam bem vazias e alguns bêbados cantarolavam animados, sem nenhuma preocupação. Enquanto isso, eu e meu amigo Celso caminhávamos vagarosamente a conversar sobre grupos musicais do rock setentista americano. Eu olhei para as pessoas que estavam a se divertir no bar e disse para o meu amigo:

- Ah, como eu queria viver despreocupado como essas pessoas. Deve ser muito mais fácil. Eles não estão nem aí com o futuro, o que importa é o agora.

Celso olhou para a turma que estava a beber e cantar, pareceu refletir um pouco e disse:

- Meu caro, eles vivem sem propósito algum, embora eu não os conheça, mas isso parece muito nítido, perceba que quase todos os fins de semana eles estão aqui, no mesmo horário, da mesma maneira. Para eles parece que o mundo se resume à diversão, e nada mais.

De fato, por estarmos em uma cidade pequena, conhecíamos boa parte das pessoas que víamos no dia-a-dia. Realmente, observando a cena no bar, parecia mesmo um quadro permanente, que quase sempre está lá a decorar aquele espaço. Víamos as mesmas pessoas que frequentavam aquelas bebedeiras quase todos os fins de semana. Nesse momento nossa atenção era desviada para um sujeito que estava a vomitar, provavelmente, todas as suas refeições diárias. Enquanto isso os outros davam gargalhadas sonoras da situação, apenas uma moça, que parecia estar mais sóbria estava a se preocupar em ajudar o desafortunado beberrão. Então meu amigo, ao observar a cena disse:

- Cara, eu sei que nós gostamos de beber umas de vez em quando, mas se não tivermos propósito e perseverança restará apenas isso para nós, estar completamente embriagado em um fim de domingo. Sinceramente, eu acredito que a vida humana não pode se resumir a isso, eu pretendo deixar meu nome marcado de alguma forma, para que aqueles que vierem depois de mim a esse mundo digam: “por aqui passou Celso Fernandes”. A cada dia pretendo trabalhar em uma versão melhor de mim mesmo. Não posso sucumbir a mesmice, a pequenez ou a apatia. Eu preferiria a morte a uma vida indigna. Sendo assim, eu renunciarei temporariamente a qualquer tipo de diversão, irei dedicar o meu tempo ao estudo e ao crescimento pessoal. Trabalharei horas a fio em busca dos meus objetivos. Irei me portar como um animal que hiberna, por um tempo renunciarei parte da minha vida em prol de um bem maior. Mas em um futuro, não muito distante, irei aproveitar tudo que a vida me negou. Serei grande, serei amado e respeitado.

Fiquei impressionado com a forma apaixonada que meu amigo proferia aquelas palavras. Sua convicção era espantosa. Depois de alguns meses, Celso foi aprovado para o curso de direito na capital de Pernambuco e logo se mudou para lá. Como ele era um cara extremamente reservado, até para os amigos, passei algum tempo sem ter contato com

ele. Uns três meses depois conversamos brevemente, após eu tê-lo ligado, mas percebi que ele não estava tão disposto a conversar. Meu amigo simplesmente respondeu de maneira lacônica minhas indagações. De forma sucinta ele me disse que estava gostando da universidade, vivendo de uma bolsa, e que estava dedicando seu dia ao estudo, e por isso não tinha tempo para mais nada. Também falou que não retornaria tão cedo à nossa cidade natal. Devido à falta de interesse de meu amigo, encerrei nossa conversa.

Pouco tempo depois perdi totalmente o contato de Celso, aparentemente ele havia mudado de número. Não sei se tal mudança foi algo casual, ocasionada por um furto, um problema técnico em seu aparelho, ou simplesmente se foi uma decisão de meu amigo. O fato é que fiquei anos sem notícias dele. Em alguns momentos eu sentia muita falta das conversas com Celso, porém meu amigo havia se afastado. De toda forma, eu seguia torcendo por seu êxito.

Alguns anos depois, quando eu fazia uma viagem de ônibus para a capital paraibana, encontrei um outro amigo, o Henrique, que cursava direito na cidade de João Pessoa. Conversa vai e conversa vem, Henrique me disse o seguinte:

- Ei cara, lembra de Celso?

- Claro, o que tem ele?

- Eu o vi esses dias em Recife. Fui para um congresso de direito nesta cidade e o encontrei. Ele parecia um tanto depressivo, falou muito pouco comigo e parecia querer se livrar de minha presença. Então logo o cumprimentei e fui embora.

- Entendi. Também faz tempo que não tenho contato com ele.

- O relato de Henrique me fez pensar sobre a situação de meu amigo. Nesse mesmo dia parei para refletir se Celso estava conseguindo alcançar seus objetivos, e se toda sua abnegação estaria valendo a pena. Minha divagação foi além do pensamento sobre a condição de meu amigo para se deter sobre a condição humana. Me peguei a pensar se vale a pena abdicar do presente em prol de um incerto futuro. Nunca achei que devêssemos viver totalmente entregues aos nossos desejos e caprichos momentâneos, creio que é preciso termos um pouco de moderação com o presente, assim como também é necessário planejarmos o futuro. No entanto, também é salutar saber aproveitar o que o presente nos proporciona, uma boa companhia, um momento de felicidade, uma conversa interessante, um momento de descontração, enfim, é importante desfrutar daquilo que o dia-a-dia nos proporciona.

Passados dois anos que eu havia tido a última notícia sobre meu amigo Celso, por meio do relato de Henrique, em um fim de tarde encontrei o irmão de Celso em uma padaria. Perguntei sobre meu amigo, e recebi a triste notícia pela boca de seu irmão:

- Rapaz, infelizmente não tenho boas notícias. Celso recentemente foi vítima de um atropelamento, ele se encontra hospitalizado e provavelmente, se sobreviver, terá fortes sequelas.

O REENCONTRO

Depois de muito tempo sem nos reunir, marcamos um reencontro de velhos amigos. Todos nós estaríamos de volta à nossa velha cidade naquele dia. O feriado prolongado da Proclamação da República e as coincidências calharam de nos reunir novamente, os quatro amigos inseparáveis, eu, Marcos, Cláudio e o Henrique. Nos encontraríamos de volta no mesmo lugar onde nos reuníamos na adolescência. Na verdade, eu nunca deixei nossa velha cidade, continuei trabalhando como professor do ensino básico. Marcos tornou-se advogado e foi o primeiro a nos deixar, ele se mudou para a capital da Paraíba, onde vive atualmente. Cláudio tornou-se enfermeiro e mudou-se para um estado mais distante no Norte do país e Henrique deu voos mais distantes, ele conseguiu, ainda jovem, uma bolsa de intercâmbio na área de ciências da computação e hoje mora fora do país e trabalha em uma multinacional.

Enfim chegou o dia tão esperado do reencontro, marcamos de nos reunir em minha casa, no quintal, já que nas antigas também era nosso velho ponto de encontro. Quantas vezes não bebemos vinho barato nesse quintal. Quantos sonhos compartilhávamos juntos em noites estreladas.

Eu costumava dizer:

- Um dia, quando estivermos distantes, olhem para a constelação de Orion e lembrem de nossa amizade. Onde estivermos Orion estará a nos unir, como constelação padroeira de nossa amizade.

Henrique era o primeiro a cortar meu barato dizendo:

- Deixa de conversar lorota, vamos beber que é o que interessa.

E geralmente seguíamos o conselho de Henrique bebendo vinho barato até altas horas. No aparelho de DVD tocava um som de rock americano dos anos 80. E por horas conversávamos debaixo de um alpendre no fundo do quintal, sem pressa, sem temer o amanhã. Falávamos de nossas namoradas, de nossos projetos para o futuro e também sobre coisas completamente estúpidas sem sentido, mas que rendiam boas gargalhadas. Com que saudade eu lembro aqueles dias. Mas enfim, iremos nos reunir novamente.

No dia de nosso encontro eu me sentia extremamente ansioso, tanto é que não dormi na noite anterior. Minha esposa e minha filha nesse dia foram visitar nossos parentes na cidade vizinha e voltariam no dia seguinte, sendo assim, ficar sozinho durante todo o dia aumentou mais ainda minha ansiedade. Poucas horas antes da reunião eu coloquei o som para tocar nossa playlist das antigas e iniciei os trabalhos tomando cerveja enquanto organizava os materiais do churrasco, petiscos e bebidas.

Às 7:30 estávamos todos reunidos. Henrique disse:

- Pedro, lembranças a sua esposa Cecília e sua filhinha Clara.

Os outros também repetiram as mesmas felicitações.

Cláudio exclamou:

Caramba, esse quintal parece o mesmo de 15 anos atrás.

Então eu disse animado, pela companhia dos amigos e pela bebida:

- Vamos fazer um brinde à nossa reunião!

Todos me acompanharam. Mas subitamente percebi que não estávamos apenas nós quatro na mesa, na verdade tinha muito mais gente. Cada um de meus amigos conversava com seus “amigos” virtuais por meio de aplicativos de mensagens. Estávamos ali reunidos no mesmo local, mas separados, cada qual em seu mundinho. Antes escutávamos juntos as canções que tocavam e até conversávamos sobre elas, mas naquela noite me dei conta, com profunda tristeza, de que eu era o único a escutar, já que meus amigos estavam imersos em si, incapazes de ouvir qualquer som do passado.

Percebi que eles postavam fotos de nossa reunião. Cheguei até a ler a legenda da publicação de Marcos que dizia: “Reencontro com amigos, a muito esperava por esse dia!”. Mas a partir desse momento notei que o reencontro não era entre nós quatro. Não os quatro amigos adolescentes. O reencontro era com o nosso cotidiano dos últimos anos. Meus amigos imersos na virtualidade de sempre, e eu imerso em minha velha solidão. Sou um desses caras que mesmo em torno de milhares de pessoas ainda me sinto sozinho. Não sei explicar essa estranha sensação, mas ela sempre conviveu comigo, desde muito tempo. Na verdade, nem me lembro quando ela começou. Talvez ela sempre esteve presente, até eu me dar conta. Os raros momentos que eu conseguia vencer essa inexplicável sensação de estar só era durante nossas reuniões da adolescência. Mas notei que elas ficaram enterradas no passado, apagadas pelo presente.

Enfim, percebi que meus amigos não eram mais os mesmos, na verdade estavam bem mais estranhos do que eu imaginara. Cada um deles estava imerso em suas bolhas cotidianas. Eu até tentei conduzir a conversa para assuntos do passado, buscando socializar nossas impressões e emoções, suscitadas por aquela noite. Mas não fui bem sucedido, as respostas de meus amigos eram apenas lacônicos monossílabos. Não tinha jeito, a nossa reunião foi apenas para repetir os hábitos do mundo contemporâneo, trocar o real pelo virtual.

Em certo momento a constelação de Órion estava visível e eu até tentei relembrar os velhos tempos dizendo:

Olha lá Orion, lembra os velhos tempos.

Mas fui interrompido por Henrique que disse, ignorando minha fala anterior:

- Pessoal, acabei de receber uma mensagem do trabalho, preciso ir, tenho que acordar logo cedo para voltar para casa, tenho assuntos para resolver. Foi um prazer rever todos vocês, foi bom revisitar os velhos tempos.

Notei que as palavras de meu amigo soaram como mera formalidade, pois nessa noite o passado não foi revisitado, apenas o presente foi reafirmado, com toda sua falta de sabor, sua pressa e sua mesmice.

Dez minutos depois Marcos e Cláudio foram embora.

Marcos disse: - Cara, foi muito legal nosso reencontro.

Cláudio confirmou: - Sim, foi muito bom, mas agora preciso ir, já tá meio tarde.

Notei a frieza nas palavras de meus amigos. Quando os dois saíram fiquei sozinho a pensar como nós seres humanos estamos desaprendendo a viver o real, o concreto. Basta olhar ao redor. Se vamos a um show vemos milhares de celulares a produzir fotos e vídeos, tudo para se transformar em um simples post com dizeres do tipo: “noite inesquecível”, “show fantástico” ou “momento ímpar”, mas na verdade é sempre a mesmice de deixar de lado a vida em sua perene fluência e mergulhar em uma janela de fingimento. Da mesma forma, vemos pessoas que contemplam uma obra de arte ou uma bela paisagem apenas pelas câmeras do seu smartphone, já que são incapazes de contemplar com a observação direta aquilo que está bem à sua frente. Aquele que produziu a foto do show, da obra de arte ou da paisagem, não fruiu a essência do objeto em questão, não viveu a vida como ela pede para ser vivida. É preciso mergulhar nas entranhas do real, arrancar suas vísceras e sentir seu gosto, doce ou amargo. Sentir o pulsar da vida que se renova. Mas não sabemos mais como fazer isso. Atualmente é preferível fingir, criando um mundo de ficção, do que sentir aquilo que o mundo tem a oferecer.

Fiquei a pensar nessas tolices enquanto observava o movimento da constelação de Orion. Tristemente me dei conta que o reencontro de amigos foi tão sem graça quanto a correria da vida moderna. O nosso reencontro foi um mero fingimento, tão superficial quanto as postagens de meus amigos em suas redes sociais. Aos poucos a constelação de Orion foi morrendo no horizonte oeste, então fui guardando as coisas enquanto era invadido por uma incômoda melancolia. Tive a dura certeza de que nosso passado ficou para trás, enterrado hoje por sua última pá de terra.

PAI DO MANGUE

Luís estava bastante entusiasmado com a sua pescaria, uma das melhores dos últimos tempos. As comunidades ribeirinhas estavam enfrentando momentos difíceis, o mangue já não era mais o mesmo. O mal da humanidade havia quebrado a sacralidade daquele paraíso natural. O impetuoso progresso lançara seus tentáculos sobre toda a maré. Córregos de esgotos nos rios, quantidades exorbitantes de lixo, o desmatamento desenfreado e a ocupação humana desregulada eram grandes ameaças à vida nos mangues daquela região, cortada pelas afluentes do Rio Paraíba, o Rio Sanhauá e o Rio Paroeira.

Luís lembrava seu pai dizendo:

- Que tristeza, o mangue não é mais o mesmo, antes eu jogava uma tarrafa e ela vinha friviando de peixe. Muita tainha, traíra e sardinha. Agora eu só pesco lama.

- De fato, agora era mais comum encontrar lixo nas redes do que qualquer outra coisa. No entanto, Luís era um dos poucos perseverantes na comunidade de pescadores e, por isso, neste dia ele havia sido premiado, pescara traíras, sardinhas e garoupas em quantidade abundante.

Perto do finzinho da tarde, o afortunado pescador resolveu voltar para casa. Ele aproximou sua canoa da margem do rio Paroeira e ficou pensativo. Absorto em pensamentos ele observou o pôr do sol, que tinha um bonito brilho avermelhado.

Repentinamente seu olhar se deteve e um pequeno e indefeso caranguejo que, de maneira tranquila, se deslocava para o lado, da maneira característica de sua espécie. O despreocupado movimento daquele crustáceo destoava do ritmo frenético do progresso que agredia seu habitat natural. O primeiro se deslocava vagarosamente para o lado, enquanto que o segundo, vorazmente, galopava em linha reta, rumo a uma pretensa “evolução”.

Que evolução?

Luís foi interrompido de suas reflexões por uma estranha voz, grave e calma, que lhe perguntou:

- E aí guerreiro, já pescou muito?

Amedrontado, o pescador quase sem voz respondeu:

- Já... Muita coisa.

O pescador se deu conta de que a voz vinha do meio do rio, mas de forma enigmática não havia nenhuma embarcação, não que ele tivesse visto. Então Luís, com muito medo, concluiu que o estranho visitante não era coisa desse mundo, já que ele parecia estar flutuando no meio do rio, sem nenhuma embarcação.

Paralisado pelo medo, Luís permaneceu inerte e aos poucos foi movimentando sua cabeça para o lado. Para sua surpresa, ele vislumbrou a silhueta de um homem de chapéu de palha, vestido de roupas esfarrapadas, tipicamente a figura de um pescador, assim como ele. Porém, a grande diferença era que este seu misterioso colega de profissão

parecia estar flutuando de pé sobre as águas do rio. Luís não sabia ao certo, pois os raios do sol poente estavam a lhe ofuscar.

Nesse interim o estranho lhe disse de maneira calma e eloquente:

- É meu amigo, aproveite a pescaria de hoje! Do jeito que as coisas estão logo o mangue estará completamente destruído. O ser humano a tudo consome em sua sanha gananciosa. Em breve não restará nem mais um peixe, só um amontoado de plásticos, cinzas e destruição.

Ao dizer isto, a voz cessou deixando um completo silêncio. De maneira inexplicável, Luís sentiu que estava sozinho. Aos poucos ele foi criando coragem de se virar e confirmou sua sensação. Estava completamente só, nenhuma viva alma. Não havia sinal de nenhuma embarcação ou pessoa. Seria impossível para alguém sumir tão repentinamente assim, no meio da maré alta.

Diante de tão enigmático acontecimento, Luís concluiu que acabara de ser visitado pelo pai do mangue, uma espécie de espírito/entidade protetora dos manguezais. Seu pai já lhe havia contado muitas histórias sobre o pai do mangue, porém Luís nunca deu muita importância para aquelas coisas. Mas tendo vivenciado um real encontro com esta figura lendária, Luís teve apenas uma certeza, alguma coisa deveria ser feita. Era preciso preservar os manguezais de sua querida Bayeux.

QUERO-QUERO

Em meio à azáfama do dia-a-dia eis que eu me deparo com uma singela cena, que passaria completamente despercebida para um observador desatento. Ao terminar o primeiro turno de trabalho, no caso o turno da manhã, eu me encontrava em meio a correria de um dia de início de semana, indo para o segundo posto de trabalho, outra escola onde eu lecionava. Estava dentro de um desses carros de aplicativo de corrida, preso em um trânsito terrível. Meio dia e meia e os motoristas pareciam extremamente ensandecidos e sem paciência, buzinas, acelerados bruscos e xingamentos para todos os lados. Sempre achei o trânsito um ótimo observatório para estudar o comportamento humano, é no meio do trânsito que o ser humano se mostra sem dissimulações, esbanjando toda sua selvageria, competitividade e egoísmo.

Quando cruzamos o ponto mais crítico do tráfego notei que o motorista do carro também estava bem apressado, e um pouco nervoso com o para-para do fluxo de carros. Nesse momento um motociclista extremamente imprudente faz uma ultrapassagem arriscada e o motorista se segura para não xingar, talvez com receio de me incomodar e perder pontos em sua avaliação, já que hoje em dia se busca mensurar até a alma de um ser humano, avaliando se ele tem cinco estrelas, e é uma pessoal legal, ou se é um reprovável de duas estrelas apenas. Ao virar o rosto para observar o fluxo do outro lado da rua, minha visão se depara com um ponto no canteiro da rotatória, próxima a algumas árvores. Nesse exato momento eu observei um ninho de quero-queros, de cara vi o casal de aves, até por um momento achei que eles estivessem só de passagem, mas confirmei que era um ninho ao ver um pequeno filhotinho.

Nesse momento fui invadido por uma comoção imensurável e indescritível. Fiquei a imaginar o risco que aquelas aves corriam naquele local, onde o trânsito era intenso e desenfreado, haja vista que eu estava em um dos pontos centrais da cidade. Nesse momento, aquela cena comovente me fez refletir sobre a relação entre homem e natureza. Quanto destruímos sem, muitas vezes, nos darmos conta. Sei que a questão da devastação ambiental é muito discutida atualmente, e pode até parecer assunto batido, mas creio que a cena que vi pode ilustrar concretamente, aquilo que muitas vezes aparece de forma abstrata, sob o quantitativo frio dos números, que muitas vezes nos indicam a quantidade de hectares florestais destruídos ou o número de animais ameaçados de extinção. Nos acostumamos a mensalmente acompanhar a destruição das matas, medido por campos e mais campos de futebol, e isso vai tornando a coisa muito banal, para alguns.

Fiquei a pensar em como nossas rodovias são verdadeiros matadouros a céu aberto, todos os dias indo para o trabalho são inúmeros corpos de animais silvestres e domésticos esmagados, alguns totalmente desfigurados formando apenas uma triste e irreconhecível massa disforme. E o pior de tudo, percebo que isso causa pouquíssima comoção. As pessoas andam preocupadas demais com o trânsito, com o trabalho, com o dinheiro e com a política, para esquentarem a cabeça com seres tão “insignificantes”.

O casal de quero-queros e seu pequeno filhotinho também desencadearam uma intensa memória afetiva de minha infância. Lembrei da minha vó. Quando o quero-quero cantava a noite, ela de forma singela dizia: “Os tetéus estão cantando, é sinal de chuva”. Tetéu era o nome dado a quero-quero em minha região natal. Eu acreditava e ainda acredito nas sábias e despretensiosas palavras de minha avó. Penso que existe uma íntima e misteriosa conexão na natureza, que faz com que os animais tenham uma aguçada sensibilidade para aquilo que pertence ao cosmos, algum tipo de sentido que os faz prever inúmeros eventos naturais.

Lembrei do som do quero-quero cantando nas noites frias de minha cidade natal. Com que saudade essas lembranças me assaltaram, como eu gostaria de vivenciar tudo aquilo novamente, mas é apenas uma lembrança. A onomatopeia produzida por essas simpáticas aves parece proferir a sentença dos dias atuais, “quero-quero”. Somos todos escravos do querer. Quando achamos que precisamos de pouco e o pouco conquistamos, sempre queremos mais, e mais, e mais... Um infindável quero, quero, quero, quero. Tudo isso destoa do ritmo sereno do mundo natural. Ao ver o pequeno quero-quero, e seus cuidadosos pais, penso que o querer deles três se resume em uma única e fundamental palavra: sobreviver. Ilhados naquele lugar inóspito, receio que a sobrevivência de meus amiguinhos pássaros seja bem complicada. Isto me enche de indignação e tristeza. O ser humano e sua ganância, seu desmesurado querer, sempre a invadir os espaços naturais, ilhando seus verdadeiros donos e tornando sua morada um local nocivo para eles, tudo em nome da produtividade, da civilidade e do progresso humano. Muitas vezes chego a ser sacrílego, para o entendimento de alguns, ao questionar essa ideia de progresso e de avanço tecnológico. Mas sempre me pergunto: progresso para quem?

Após passar pela rotatória, e deixar para trás a família de pássaros, roguei ao universo que os protegesse. Nunca saberei de seu destino e se minhas preces tiveram efeito, mas espero que de alguma forma fiquem bem. Absorto em pensamentos, fui interrompido de minha reflexão pelo motorista do carro que disse:

- Nesse trecho o trânsito está melhor moço.

- Ainda bem, quero chegar logo ao trabalho, não quero me atrasar.

- Pois é, também quero tentar bater minha meta de corridas diárias, pois quero logo logo trocar esse caro em um mais novo.

OS VINGADORES DE VITRINE

Era apenas mais uma segunda-feira cinzenta. Daquelas que você acorda indisposto se perguntando como seu fim de semana passou tão rápido. A tardezinha eu voltava para casa depois de mais um dia árduo de trabalho. Pensava comigo mesmo:

- Ufa, ainda bem que já acabou.

Depois de descer do primeiro ônibus eu havia parado para pegar a segunda condução que me levaria ao meu merecido e insuficiente descanso. Só de pensar que essa rotina iria se repetir na manhã seguinte, e na outra, e fim..., provavelmente essa rotina iria se repetir pelo resto dos meus dias, só de pensar nisso me batia um súbito desespero. Mas ao pensar nas contas a pagar, nas diversões custeadas pelo meu parco salário, ao lembrar dessas coisas meu desespero se tornava contido, e até me batia um pequeno alento. Enfim, eu evitava me deter sobre essas coisas, mas inexplicavelmente esses pensamentos tomaram conta de mim naquele fim de tarde. Não é que meu trabalho naquele escritório fosse ruim, eu até gostava dos colegas, gostava dos intervalos do café. O patrão até que era um cara legal e pagava razoavelmente bem e de maneira pontual.

Malgrado tudo isso, às vezes eu tinha a terrível impressão de que quando partisse um dia não deixaria nada para a posteridade, seria apenas mais um no meio da multidão. Queria deixar alguma coisa para que as próximas gerações dissessem: "essa cara foi incrível, ele era bom nisso". Eu tinha uma grande admiração pelos grandes artistas, mas infelizmente as musas da inspiração esqueceram de mim e nunca tive talento para nada. Até mesmo porque nunca curti tanto as artes como meu irmão Joaquim, que passava horas e horas em seu quarto lendo a biografia de grandes artistas como Beethoven, Mozart e aquele pintor holandês que decepou a própria orelha em um ato de loucura.

Sempre fui um cara extremamente prático e prosaico, mas apesar de tudo, captei a ideia do artista que se torna imortal por meio de sua arte, do indivíduo que deixa um legado para além de sua passagem pela terra. Sempre ouvi dizer que para se tornar imortal é preciso plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro. Jamais me tornarei imortal, as duas primeiras opções são possíveis para mim, eu até já plantei um pé de acerola certa vez e planejo ter um filho, mas escrever um livro, sem chances, não tenho tempo para isso, o trabalho no escritório consome todas as minhas energias.

Enfim, porque toda essa divagação? Tudo isso apenas para dizer que sempre tive a sensação de que minha vida seguiu o caminho errado. Às vezes sinto um grande vazio que não consigo explicar. Eis a grande vantagem de ter uma rotina extenuante, não ter tempo de pensar em suas crises existenciais, em suas carências, em seus sonhos irrealizados. Como diria minha mãe: "Uma alma ocupada não é uma alma atentada". E ela tinha razão. O fardo dos meu afazeres não me deixavam tempo para refletir em quão sem graça era tudo aquilo, em quão cinzento eram os meus dias, igual àquela segunda-feira voltando do trabalho e pensando em todas as coisas que teria que enfrentar na manhã seguinte. Diante de tudo isso eu me perguntava: Será a felicidade algo real ou apenas uma mera ilusão?

Fui interrompido de minha filosofia barata por uma triste realidade. Repentinamente meus olhos se fixaram em uma família paupérrima que estava a pedir esmolas no sinal. Havia um homem descalço e sem camisa, ele tentava limpar os vidros de um carro em troca de algumas moedas, mas a maioria dos motoristas faziam gestos negativos, enquanto o homem saia com um semblante frustrado, na verdade a palavra exata seria desolado, ou sem chão. Enquanto o homem fazia suas tentativas mal sucedidas de conseguir algumas poucas moedas, na calçada, próxima do sinal, uma mulher, extremamente suja e vestindo farrapos segurava uma criança de uns dois anos que também vestia farrapos. A mulher provavelmente seria a companheira de nosso mal sucedido flanelinha, os dois provavelmente compartilhavam aquela dura vida.

Aquilo me levava a refletir na dívida histórica que nosso país tem com as pessoas pobres, com as pessoas negras, indígenas, com as pessoas LGBTQIA+, em suma, com todas as minorias, que clamam por representatividade, participação e oportunidades. E ainda vejo alguns hipócritas dizerem que não existe racismo, que não vivemos em um país machista, xenofóbico e injusto. Tudo isso me enchia de muita raiva.

Mais desolador do que tudo isso foi olhar para o outro lado da rua, para uma banca de revistas e ver uma das cenas mais tristes que presenciei em toda minha vida. Bem próximo da banca de revistas havia um pequeno garotinho, sem camisa, descalço e sujo, provavelmente com seis ou sete anos. Seguramente, devido à proximidade, ele era filho do casal que estava no sinal. O menino estava cada vez mais se aproximando de uma vidraça que havia na banca de jornais. Ele ficou a contemplar uma coleção de bonecos dos Vingadores. O pequeno menino ficou parado, quase hipnotizado ao observar um grande boneco do Capitão América. Mal sabia ele que os capitães da realidade são pessoas de carne e osso e menos glamorosos do que supunham os filmes de Hollywood.

Na vitrine havia também o boneco do Hulk, o gigante verde que vestia um shorts em farrapos. A triste ironia, entre o Hulk e o pequeno menino é que o verdão usava uma bermuda em trapos como sinal de sua força sobre humana, já a família do pobre garotinho, infelizmente, usava farrapos como sinal de sua triste situação de miséria. Mas parecia que de todos os bonecos o que mais agradava o garoto era o Homem de Ferro, o herói que usa uma armadura indestrutível de metal protegendo seu corpo de qualquer ataque, além disso nos quadrinhos, e também no cinema, o homem de ferro é um incrível magnata, dono de uma grande empresa de tecnologia e de uma fantástica mansão que possui equipamentos altamente futurísticos. Mas o pior de tudo é que enquanto isso, muito provavelmente, o pobre menino e também toda sua família, mal tinham uma roupa decente para vestir o corpo, muito menos um limpo cobertor para os proteger em uma noite de frio, e tão pouco tinham quatro paredes que pudessem chamar de lar.

Era terrível constatar, mas aqueles heróis jamais poderiam salvar nosso pequeno desafortunado. Mas ele continuava a olhar, de maneira sonhadora e comovente, os heróis que estavam ali na vitrine, espacialmente tão perto dele, mas financeiramente tão distantes.

Certamente um daqueles bonecos representaria um mês inteiro de alimento para toda a sua família.

De toda forma, tudo aquilo era muito triste, eu já não me importava mais com meus dilemas, e com lágrimas nos olhos esperava aquele ônibus que parecia não chegar e me obrigava a contemplar, por longo tempo, toda aquela cena. Ah, como me partia o coração ver o pequeno tocar a vitrine com um intenso desejo de pegar um daqueles bonecos e brincar o dia inteiro, justamente brincar, aquilo que sua dura realidade o impedia de fazer naquele momento, aquilo que a vida o roubara. Malditos Vingadores! São heróis que desafiam inimigos fantásticos e possuem capacidade sobre humana, não podiam fazer nada contra um problema que é demasiadamente humano, a injustiça. Eram meros servidores da Indústria cultural, indiferentes ao sofrimento dos mais frágeis. Vingadores para vingar o quê? Nesse momento o que mais precisamos é de justiça social!

Estranhamente agora eu me lembrei do nome do artista que cortou a orelha, sim, era Van Gogh. Foi justamente ele quem pintou um quadro chamado de *Os comedores de batata*, que representava a refeição de uma pobre família, retratada em sua simplicidade e com poucos recursos. Logo associei os comedores de batata à pobre família que eu via no sinal de trânsito, porém ainda faltava a eles as batatas para se alimentar.

Repentinamente chegou meu ônibus e fui arrastado novamente para minhas preocupações cotidianas, levando comigo a triste recordação do garotinho e seus vingadores de vitrine. Mais do que nunca nesse momento desejei ser artista, e quem sabe pintar um quadro do menino e sua sede de brincar, compor uma música ou um poema, quem sabe isso pudesse comover as pessoas, chamar a atenção para a triste realidade, e talvez deixar meu nome para a posteridade. Mas como disse, não tenho talento para as artes.

JOSÉ CÂNDIDO RODRIGUES NETO - Graduação em Filosofia (2017) pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; mestrado pelo programa de pós-graduação em Literatura e Interculturalidade, da UEPB (2019); graduação em História (EAD), pela Cruzeiro do Sul Virtual (2020); Graduação em Letras Inglês (EAD) 2021, pela UFPB, graduação em sociologia (2022), pela FAVENI; doutorado em Literatura e Interculturalidade (2023), pela UEPB; especialização em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia (EAD) pela Faculdade Futura (2019) e especialização em Ciências humanas e sociais aplicadas e o mundo do trabalho, pela UFPI. Mestrado profissional em História, em andamento, pela Universidade Federal da Paraíba. Atua principalmente na interface Filosofia/ Literatura. Desde 2013 é vinculado ao Núcleo de Estudos Filosóficos e Teológicos - NEFITEL - UEPB. No momento atua como docente na Secretaria de Educação da Paraíba, na condição de professor efetivo, onde leciona as disciplinas de Filosofia, Sociologia, e História e também atua como professor de história, com vínculo efetivo na Secretaria de Educação e Cultura do município de Conde, Paraíba. Publicou três livros pela Atena Editora: A concepção de natureza em Goethe (2022), Ensaios de Literatura e Filosofia (2022) e A relação entre subjetividade e natureza no Werther de Goethe.

A porteira

contos e crônicas sobre o mundo lá fora

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2024

A porteira

contos e crônicas sobre o mundo lá fora

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2024